



INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Corção da mulher brasileira: evolução da taxa de mortalidade por infarto agudo do miocárdio de 2008 a 2021

FUNDAMENTOS

O infarto agudo do miocárdio (IAM) é a necrose de miócitos que é causada principalmente por instabilidade de placa aterosclerótica. A literatura tem mostrado um declínio da mortalidade por doença arterial coronariana, que pode estar relacionado também com a menor incidência da doença. A *American Heart Association* apontou que as doenças do coração são a principal causa de mortalidade no sexo feminino. Além disso, diversos estudos apontam que os homens com IAM recebem mais intervenções do que as mulheres, o que pode justificar pior prognóstico pós IAM no sexo feminino. Dessa forma, é possível que o sexo esteja associado a diferentes padrões na mortalidade por IAM.

OBJETIVOS

Descrever a diferença da taxa de mortalidade por IAM de acordo com a distribuição por sexo, entre os anos de 2008 e 2021, no Brasil.

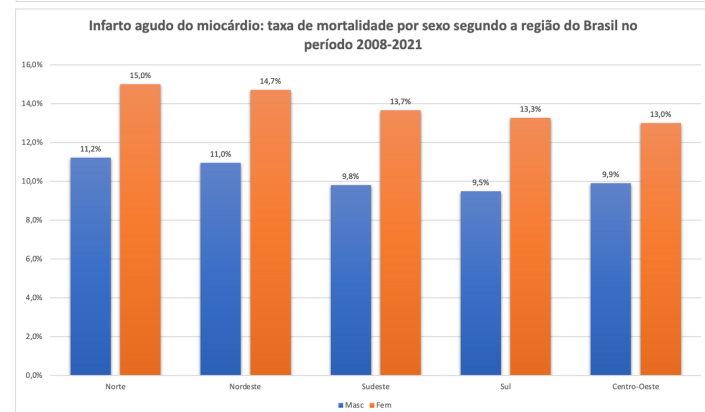
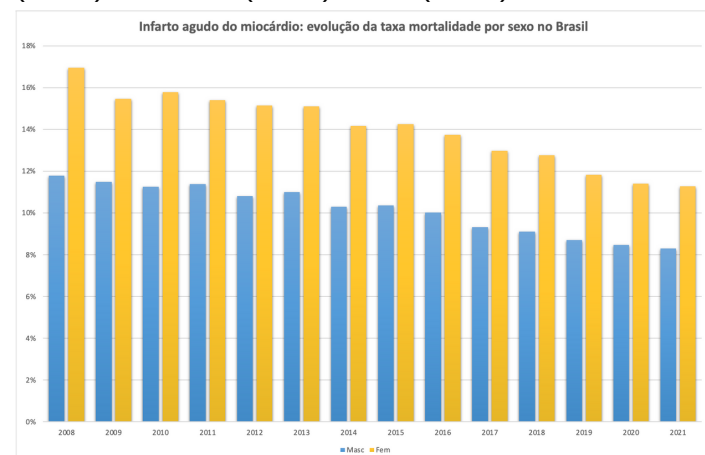
MÉTODOS

Trata-se de um estudo analítico, observacional e transversal, com coleta de dados referentes a variáveis socio-demográficas e clínicas, por meio do Sistema de Agravos de Notificação e que são disponibilizados pelo Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde.

RESULTADOS

Em 2021, a mortalidade por IAM no sexo feminino foi de 11%, enquanto no masculino de 8%. Ao se calcular a média anual das mortalidades em ambos os sexos, por região do Brasil, nos anos de 2008 a 2021, viu-se que as mulheres apresentaram maior mortalidade em todas as regiões.

A taxa de mortalidade feminina, por região, em ordem decrescente: Norte (15%), Nordeste (14,7%), Sudeste (13,7%), Sul (13,3%) e Centro-oeste (13%). Já a taxa de mortalidade masculina, por região, em ordem decrescente: Norte (11,2%), Nordeste (11%), Centro-oeste (9,9%), Sudeste (9,8%) e Sul (9,5%).



CONCLUSÕES

Observa-se que, embora a taxa de mortalidade por IAM esteja em queda, ainda é maior no sexo feminino no Brasil. Ademais, o contraste entre as taxas de mortalidade segundo as regiões do país sugere a necessidade imperativa de abordar desigualdades geográficas persistentes, financiamento insuficiente, além de demandas relacionadas ao acesso das mulheres ao cuidado de qualidade.